



lógica formal (ou da TEC). Por exemplo, o valor é a síntese (bissetriz) da relação contraditória entre valor de uso (tese) e valor de troca (antítese); o capital é a síntese da relação entre a parte referente às máquinas, matéria-prima, etc., e a parte referente à força de trabalho, *Cv*, ou partes que compõem o capital, cuja fórmula é: *D-M (MP e FT- produção)-M-D'*; através da compra/venda de mercadorias (*M*) Ou seja, o capital é dinheiro (valor) que se autovaloriza (*D'*). Num gráfico, a reta do preço corta a bissetriz, isto é, o preço oscila em torno do valor e nos permite visualizar a transferência e absorção de riqueza conforme a composição do capital - reta com pendente negativa e tendendo a se sobrepor o eixo-y e, ao mesmo tempo, gerando uma superpopulação relativa ("excluídos"). Nos países desenvolvidos (composição orgânica alta), o Estado do bem-estar social até que dá conta da população que cresce negativamente; nos países subdesenvolvidos, além da superexploração do trabalho (salário ou preço bem abaixo do valor), o Estado "periférico" mal consegue dar conta do segmento formal (carteira assinada) da população economicamente ativa que, por sua vez, é excessiva.

Entrevendo a alma

Numa situação dessas, a TEC nada mais pode fazer que apregoar a "livre-iniciativa" e que nada nem ninguém interfira nos preços, os quais devem ser deixados à égide do mercado (ainda que tendo que instituir as "agências reguladoras").

A TEM, por outro lado, viabiliza a "auto-administração via valor" ou "self-government" [auto-governo] que é a verdadeira e eficaz "agência reguladora" aludida por Marx em várias de suas obras. Isto no plano da materialidade. Na subjetividade temos o "poder constituinte" que é a "família referencial" e, há muito, constatada por Elizabeth Bott em seu *Família e rede social* mostrando que "o grau de segregação dos papéis conjugais está relacionado com o grau de conexão na rede total da família [mercado]. Aquelas famílias que [tem] um alto grau de segregação no relacionamento de papel do marido e da esposa [tem] uma rede de malha estreita;... O grau de segregação no relacionamento de papel entre marido e esposa varia diretamente com a conexão da rede social da família. Quanto mais conexa à rede, maior o grau de segregação entre os papéis do marido e da esposa". A conexão à rede através de "malha frouxa" - caso das poucas famílias congregadas - impede a interferência brutal das relações mercadizadas e, ao mesmo, possibilita a formação da resistência à lógica do capital. É desnecessário recorrer às estatísticas para constatar que a conexão das famílias com o mercado cada vez aumenta mais, por isso cada vez aumenta mais o número de separações, divórcios,

enfim, aumenta vertiginosamente o número de homens que se gabam por registrar o seu "pomposo" nome no da bela mulher que acabam perdendo (não o nome, mas a mulher), inclusive, para outra mulher. Isto por tentar impor uma relação de não-equivalentes ("mercadizada" e com trapaça; sempre querendo levar vantagens sobre o outro), mas quando o(a) outro(a) percebe a "troca desigual", parte logo para outra relação, ainda que negando, parcialmente, a "lei" de Deus ("porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores" I Tim. 6:10), mas afirmando a "Lei do Valor" (ainda que inconscientemente), isto é, buscando um acordo, a troca de equivalentes na subjetividade e que erige a ética tão em falta no caráter de muitos homens (e mulheres, evidentemente). O espaço deixado pela falta desta substância é ocupado pelas perturbações ou transtornos psicológicos que determinam a *práxis perturbada* - os "profetas da regressão".

Sendo assim, os nomes dos caro(a)s colegas oportunistas e impostores referendários, não foram usados em "vão", pois apresentamos suas substâncias. Advertimos: não é através do transtorno obsessivo compulsivo que estas atingirão o estado são. Caso queiram fazer ciência e/ou política, isto é, *práxis*, não mais se estranhem, "saltem" para a vida e nos juntemos todos para a obtenção de vantagens sociais - sem medo de ser feliz. Pois esta é a nossa *práxis*.

O termo *práxis perturbada* aqui utilizado, foi emprestado de José Revueltas (*Dialética de la conciencia*. 1ª ed., México: Ediciones Era, 1986).

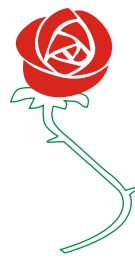
Vladimir D. Micheletti é professor de Economia da UFAL

1 "...no raciocínio citado por Engels aplica claramente o método do "salto vital", em filosofia, isto é, dá um salto da teoria [antítese] para a prática [tese]. Nem um só dos outros (e estúpidos) professores de filosofia seguidos pelos nossos machistas [Ernest Mach, o mais popular representante do empiriocriticistas] se permite alguma vez semelhantes saltos. Para eles uma coisa é a teoria do conhecimento, em que é preciso cozinhar com a maior sutileza verbal as "definições", e outra coisa completamente diferente é a prática. Em Engels, e toda a prática humana viva irrompe na própria teoria do conhecimento, fornecendo um critério objetivo da verdade: enquanto não conhecemos uma lei da natureza, ela, existindo e atuando sempre à margem [resíduo], fora de nosso conhecimento, faz de nós escravos da "necessidade cega". Depois de tomarmos conhecimento desta lei, que atua (como Marx repetiu milhares de vezes) independentemente da nossa vontade e da nossa consciência, tomamo-nos senhores da natureza. O domínio sobre a natureza, que se manifesta na prática da humanidade, é o resultado de um reflexo objetivamente fiel no espírito do homem dos fenômenos e dos processos da natureza, é a prova de que este reflexo (nos limites daquilo que a prática nos mostra) é uma verdade objetiva, absoluta, eterna" (LENIN, VI. *Materialismo e empiriocriticismo*. 1ª ed., Moscou: Edições Avante, 1982. 1982, p.144).

2 MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Coleção Os Economistas, Abril Cultural, 1983

3 BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 77.

4 "...não há grande diferença entre o mistério da Santíssima Trindade e a teoria da mais-valia de Marx... Mas aqui chegamos às fronteiras do provável. Cuidemo-nos para não ultrapassá-las, evitando o perigo de ir mais além dos terrenos do possível e de vagabundear pelos espaços desmedidos da imaginação". Pareto teme a Deus por não se sentir feito a sua semelhança, certamente porque se locupletou. PARETO, Vilfredo. *La transformación de la democracia*. 1ª ed., Madrid: Edersa, 1985, p. 63-64).



OncoNotícias

DRA. TERESA CRISTINA TEIXEIRA MAIA- CRM/AL 1827
oncomed@oncomed-al.com.br

A história do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes - UFAL trajetória do tratamento oncológico em Alagoas - III

O Bacharel em Direito Francisco de Paula Leite e Oiticica, formado em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife em 1872, em sua atividade profissional, no Salão do Júri e em suas visitas à Casa da Câmara, vislumbrava com frequência a cena terrível dos loucos recolhidos à Cadeia Pública, presos por correntes e gargalheiras amontoados em cubículos escuros e infectos, em número de 5 e até 7 loucos por cubículos, em condições subumanas.



Maceió Antigo - Asilo Santa Leopoldina

Ocupando o cargo de Chefe de Polícia da Capital, nomeado interinamente pelo então Presidente da Província das Alagoas José Moreira Alves da Silva, descreveu-lhe aquela cena em 08 de Novembro de 1886, informando, outrossim, a inexistência em Maceió de Asilo para loucos até essa data e mostrando-se, pois, financeiramente incapacitado para enfrentar tal situação.

Decidiu então enviar carta ao jornal "O Alagoas", em 27 de março de 1887, solicitando abertura de subscrição popular visando arrecadação de fundos para as despesas concernentes à instalação de um asilo para albergar os loucos. Pedia ainda, no mesmo documento, autorização a S. Ex.º o Presidente da Província para aproveitar um prédio existente defronte ao Cemitério Municipal, "no momento sem serventia" tendo sido atendido um mês depois em ambos os pleitos.

O jornal "O Alagoas" passou a publicar periodicamente o andamento da campanha, que contou até mesmo com doações anônimas (um estrangeiro radicado em Maceió) e da Sociedade Dramática Particular "Thalia de Jaraguá", que promoveu espetáculo em benefício do Asilo em 18 de maio de 1887.

Finalmente a inauguração do Asilo de Alienados se deu em 22 de maio de 1887, passando então os loucos da Cadeia Pública para as novas acomodações e o Doutor Leite e Oiticica foi nomeado Diretor pelo Senhor Presidente da Província Aristides Augusto Milton, o qual posteriormente, em Janeiro de 1888, ofereceu ao bacharel o encargo de promover a construção até abril de um novo edifício para sediar o asilo sob a denominação de Santa Leopoldina, nome de sua progenitora. Leite e Oiticica concordou e convidou seu amigo Engenheiro Dr. Manoel Eugênio do Prado que preparou a planta e o projeto da fachada, considerado pelo Presidente "lindíssimo e muito

bom".

Como surgiram graves dificuldades financeiras no transcurso da obra, Leite e Oiticica recorreu ao Tesouro para angariar recursos através da Loteria da Província, cujos prêmios não reclamados pelos felizardos após o prazo de 2 anos, poderiam ser utilizados em benefício de obras públicas, a critério do Presidente Provincial, segundo Lei orçamentária então vigente.

A inauguração do Asilo Santa Leopoldina, primeira instituição para tratamento de doentes mentais de Alagoas, ocorreu em 10 de fevereiro de 1889 e foi divulgada no Diário de Alagoas, embora faltasse ainda reboco e pintura. Contudo, apenas em 28 de junho de 1891, durante o governo do Bacharel Manoel de Araujo Goes (Vice-Governador), o Santa Leopoldina, situado na Praça Calabar (atual Praça Dr. Afrânio Jorge), nos terrenos fronteiros ao Cemitério Público, foi finalmente concluído pelo Eng.º Manoel Candido Rocha de Andrade.

Em setembro de 1914 foram iniciadas obras de ampliação do asilo que, em virtude de dificuldades financeiras, só foram concluídas em 15 de abril de 1918, segundo relato de Dr. Pedro Duarte, diretor médico.



Ao término da República Velha, sob a direção do Dr. José Simplicio da Rocha Filho, então diretor de Saúde Pública, o Santa Leopoldina foi elevado à categoria de Hospital em 1934 e em 21 de abril de 1936 cogitou-se pela primeira vez da construção de um novo Hospital-Colônia psiquiátrico nos arredores de Bebedouro, idéia lembrada em 10 de fevereiro de 1940, em 1942 e 1943 pelo 1º e 2º Intervenores Federais, que construíram o leprosário Colônia Eduardo Rabelo, o Hospital de Isolamento para receber portadores de moléstias transmissíveis, a Escola de Farmácia e Odontologia que teve vida efêmera, os Serviços de Fiscalização de Exercício da Medicina e o de Propaganda e Educação Sanitária, ambos em consonância com o Governo Federal.

Finalmente em 16 de janeiro de 1951 foi inaugurado no bairro do Farol, o Hospital Colônia Portugal Ramalho destinado para doentes mentais, pela cooperação dos Governos Federal e Estadual; porém este hospital só teve condições de receber paciente 5 anos depois, em 05 de janeiro de 1956, sob a direção do Prof. Gilberto Macedo. E Hospital Santa Leopoldina foi demolido entre os anos de 1956 e 1958.

FOUR TECH

Cartuchos Remanufaturados e Originais

LEXMARK - HP - CANON - XEROX

Rua da Praia, 172 - Centro - Fone: 326.3262



Clínica de Tratamento do Câncer

Consultas
Diagnóstico
Quimioterapia

R. Mário de Gusmão, 603 ☎ 327-1600 - <http://www.oncomed-al.com.br>